

Novo recorde na Bovespa

67

Embalada pelas declarações de Ben Bernanke, presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central dos Estados Unidos), a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) registrou ontem um novo recorde. O Ibovespa, índice que mede os preços das ações mais negociadas no pregão paulista, encerrou as negociações nos 45.995 pontos, com alta de 1,77%. Na máxima do dia, o indicador bateu nos 46.106 pontos, puxado, sobretudo, pelo forte fluxo de investimentos estrangeiros. O movimento financeiro na Bovespa atingiu R\$ 14,3 bilhões, inflado, em parte, pelo vencimento de contratos futuros de índices. Foi o maior volume da história.

"O mercado recebeu muito bem as declarações do presidente do Fed em depoimento no Senado norte-americano. Ele indicou que o crescimento da economia dos EUA será melhor do que o esperado neste e no próximo ano e garantiu que, a despeito dos riscos evidentes, a inflação naquele país está sob controle", afirmou Gustavo Barbeito, analista de investimentos do Banco Prosper. "A fala de Bernanke espalhou um rastro de otimismo nas principais bolsas do mundo e derrubou os juros nos EUA", acrescentou. A Bolsa de Nova York cravou valorização de 0,69%, fechando nos 12.742 pontos, novo patamar histórico. Em Londres, o ganho foi de 0,62%. Na Bolsa de Paris, a alta chegou a 0,76%.

Segundo Barbeito, com a valorização de ontem, o Ibovespa zerou todas as perdas do ano e, agora, está positivo em 1,63%. Ele destacou também que o fluxo de investimentos estrangeiros para a Bovespa intensificou-se nos últimos dois dias, apesar do vencimento de índices. "Nesse período, quando o mercado fica mais volátil, o capital externo costuma ficar de fora das operações. Mas não foi o que viemos ontem e anteontem", des-



BOAS NOTÍCIAS: BOLSA DE NOVA YORK TEVE VALORIZAÇÃO DE 0,69%, DEPOIS DE DECLARAÇÃO OTIMISTA DO PRESIDENTE DO FED, BEN BERNANKE

tacou. Nas contas da Bovespa, somente nos nove primeiros dias de fevereiro, os estrangeiros deixaram um saldo positivo de R\$ 210 milhões. No ano, porém, as saídas de recursos da bolsa ainda superam as entradas em R\$ 1,053 bilhão.

Juros em baixa

O discurso animador do presidente do Banco Central dos EUA foi potencializado pelas boas notícias no mercado interno, especialmente em relação à inflação. O Índice Geral de Preços-10 (IGP-10) computou alta de apenas

0,28% em fevereiro, resultado inferior ao 0,39% do mês anterior. Diante disso, as taxas dos contratos futuros de juros, negociados na Bolsa de Mercadorias e de Futuros (BM&F), recuperaram significativamente. Os papéis com vencimento em janeiro de 2008 encerraram a quarta-feira em 12,13% ao ano. Nos contratos com resgate previsto para janeiro de 2009, as taxas ficaram em 11,94% ao ano. Há pouco mais de três semanas, às vésperas da última reunião do Comitê de Política Monetária, os juros desses papéis estavam em 12,43%

e 12,30%, respectivamente.

"O cenário positivo para a inflação está consolidando as apostas do mercado de que a taxa básica de juros (Selic) continuará caindo. Estamos vendo pelo menos quatro quedas seguidas de 0,25 ponto cada, dos atuais 13% para 12%", afirmou o economista-chefe da Corretora Concordia, Elson Teles. Mais otimista, o economista-chefe do Banco Itaú, Tomás Malaga, acredita que o Copom voltará a cortar a Selic em 0,50 ponto na reunião de março. Para ele, a fragilidade dos preços do dólar, que ontem voltaram

a cair (veja matéria nesta página), será determinante para derubar a inflação e mantê-la bem abaixo do centro da meta de 4,5% perseguida pelo Banco Central.

Em meio ao otimismo, o risco-país, que mede o humor dos investidores em relação ao mercado brasileiro, bateu na mínima histórica de 176 pontos ao longo do dia, ficando somente 11 pontos acima da taxa média dos países emergentes. No fechamento dos negócios, porém, o risco voltou para os 180 pontos, mesmo patamar registrado na véspera. (VN)